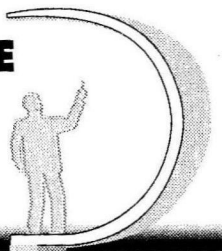


TRIBUNA DA CIDADE



Brasília tem perícia de primeiro mundo

MARIA JOSÉ MIRANDA PEREIRA

Graças a um ótimo trabalho realizado no Instituto de Criminalística de São Paulo foi possível estabelecer uma linha de investigação da causa da explosão no avião Fokker da TAM. Peritos bem qualificados, trabalhando com espectógrafo de massa, aparelhagem com tecnologia de ponta que usa massa atômica, identificaram elementos químicos que compõem sais de nitrato de amônia e de estifnato de chumbo, causadores da explosão. Como estariam as investigações, não fosse esta perícia?

Em Brasília, o Instituto de Criminalística e o IML têm prestado relevantes serviços à população. Temos excelentes peritos médicos, engenheiros, biólogos, químicos, psiquiatras, físicos, capacitados nas mais diversificadas áreas do conhecimento e atualizados no que há de mais avançado no País e no mundo. Não só pela competência e eficiência, mas também pela honradez e honestidade, os peritos de Brasília são merecedores do nosso reconhecimento, respeito e admiração!

Crimes de enorme repercussão foram esclarecidos com o imprescindível respaldo desta perícia. Um exame sofisticado e complexo, chamado Compugrafia Forense, que antes havia sido feito uma única vez em todo o mundo (caso O.J. Simpson), foi realizado no IML de Brasília. Ela foi de importância ímpar para a condenação de um psicopata de família influente em Brasília, que torturava, estuprava e matava prostitutas. Fez-se a animação do crime por computador com sons, imagens dinamizadas que puderam ser visualizadas de vários ângulos (projeção tridimensional, como "tira-teima" no futebol); com efeitos especiais, tais como, zoom, câmara lenta, retrocesso e aceleração, congelamento e superposição de imagens.

O dr. Eduardo Reis, atual diretor do IML de Brasília, foi o autor da tese defendida na Unicamp, de identificação de pessoas pela superposição de imagem de fotografia da face sobre os ossos do crânio, técnica utilizada na identificação do carrasco nazista Mengele, com ampla repercussão inter-



nacional. Outro levou a glória, mas o mérito indiscutível foi do autor da tese, que hoje empresta seus preciosos serviços a Brasília. Ele já analisou mais de 1.300 ossadas, desenvolvendo cientificamente esta técnica.

Utilizou-a em memoráveis serviços à Justiça, como no caso dos "desaparecidos" da ditadura, no cemitério de Perus; no caso da "esquartejada"; caso Ana Elizabeth Lofrano e em muitos outros "anônimos". Idealista, ele montou no IML de Brasília, com recursos próprios, um Laboratório de Antropologia Forense, onde usando hardwares e software de ponta, se faz perícia sofisticada.

A propósito da divulgação do famoso caso Ana Elizabeth, alguém disse que José Carlos teve uma defesa de "primeiro mundo" confrontada com uma criminalística de "terceiro mundo". Ora, as acusações de "falhas da perícia", que até induziram alguns leigos a acreditar na inocência do assassino, partiram de pessoas de discutíveis credibilidade, sem qualquer compromisso com a verdade ou com a justiça. O compromisso delas era com o criminoso cruel, corrupto, devasso, covarde e sem Deus. Pena não terem sido questionadas as qualidades e os motivos dos que levantaram a "dúvida", para se saber que interesse os movia e se estavam abalizados para a crítica.

Em nome do famigerado princípio da plenitude da defesa do criminoso, um promotor honrado foi xingado de "bobo", "anta" e "covarde", entre outros impropérios. Um dos delegados mais competentes e honestos do País foi acusado de inculpar um inocente para proteger mafiosos do orçamento. Para defender um vil criminoso jogaram lama sobre o nome de respeitável instituição, caluniaram, difamaram e injuriaram pessoas merecedoras de todo o respeito, até mesmo pelo trabalho digno de econômicos que realizaram.

Urge que se repense o "sagrado" direito de defesa do delinquente, ante valores maiores como a Moral, a Justiça e a Ética.

■ **Maria José Miranda Pereira é promotora de Justiça do Tribunal do Júri de Brasília**

■ A coluna Tribuna da Cidade sai às segundas, quartas e sextas-feiras e está aberta a todos os segmentos da sociedade.

O IML de Brasília é autor da tese de identificação de ossadas pela superposição de imagens da face sobre os ossos do crânio, técnica usada no caso Mengele